

---

# MENSAGEIRO

---

DO CORAÇÃO DE JESUS | NOVEMBRO 2019

---



DESMISTIFICAR  
A MORTE,  
ALIVIAR O LUTO  
pág. 13

A MISSÃO DOS  
LEIGOS NO  
MUNDO  
pág. 24

**CUSTÓDIA DA TERRA SANTA:  
AO SERVIÇO DO DIÁLOGO E DA PAZ**

PROMOÇÕES

-20 %



# MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

novembro 2019 // Ano CXLIV, n.º 11

## Diretor

António Valério, s.j.

## Administração

Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

## Contactos:

Geral: 253 689 440  
Revistas: 253 689 442  
Livraria: 253 689 443  
Email: revistas@snao.pt  
Web: www.revistamensagem.pt  
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

## Direção de arte e produção gráfica

Francisca Cardoso Girão

## Paginação

Ana Miranda

## Impressão e acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar  
4710-073 BRAGA  
Contr. n.º 504 443 135

## Redação, Edição e Propriedade

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração  
Província Portuguesa da Companhia de Jesus  
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86

ISSN 0874-4955

Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto  
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1 a  
Tiragem: 9.000 exemplares



## ASSINATURA PARA 2019

Portugal  
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€  
Europa: 21,00€

26,00 Fr. Suíços  
Fora da Europa: 27,00€  
35,00 USD  
42,00 CAD

Preço por exemplar: 1,40€

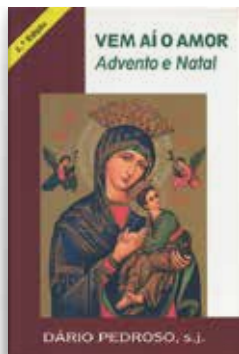
Pagar por transferência bancária:

De Portugal:  
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255  
(Millennium.BCP - Braga);

Do Estrangeiro:  
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255  
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

## ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h



## VEM AÍ O AMOR DÁRIO PEDROSO, S.J.

Meditações e celebrações  
para viver o Advento e  
preparar o Natal.

### PREÇOS

Portugal: 6,10€  
Europa: 7,10€  
Fora da Europa: 7,80€



## NOVENA DE NATAL RUI FERNANDES, S.J. E RUI ALEIXO (ILUSTRAÇÕES)

A preparação próxima do Natal,  
durante a tradicional «novena do  
Menino», com uma proposta nada  
tradicional.

### PREÇOS

Portugal: 6,50€  
Europa: 7,50€  
Fora da Europa: 8,20€

## BATEM À PORTA

Uma caixa com nove puxadores  
de porta, nove personagens,  
nove orações e nove desafios.  
Para preparar o Natal em  
família, ajudando os mais  
pequenos a descobrir a  
verdadeira magia do Natal.

### PREÇOS

Portugal: 9,50€  
Europa: 11,00€  
Fora da Europa: 12,50€



Portes de correio incluídos nos preços.  
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.  
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga  
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt



# JOSÉ AUGUSTO MOURÃO

Alexandre  
Freire  
Duarte

Há cerca de dez anos, durante as minhas deambulações pelas margens, mais ou menos insalubres, dos afluentes que formam a rede hidrográfica dos estudos da linguagem mística cristã, cruzei-me com José Augusto Mourão (1947-2011). Hoje, embora com anos de atraso, devo reconhecer que os seus textos deixaram marcas demasiado vivas na minha compreensão da linguagem humana para, ao contrário do que já fiz no passado, dizer que deslizei por eles «como uma faca quente pelo meio de manteiga derretida». É certo que, durante anos, andei, às vezes com uma bússola provavelmente avariada, em busca de quem tivesse um pensamento suficientemente sólido, sobre o discurso dos místicos cristãos,

para poder dar sólida atenção a tudo em que ia pondo as palmas dos pés dos meus olhos. Todavia, se, no passado, dei mais relevo a alguns textos que, no presente, não sou capaz de recordar a sua proveniência, isso não acontece com os escritos de José Augusto Mourão. Sempre que algo da sua autoria me vem à memória, sou perfeitamente capaz de identificar a sua autoria.

Refletindo, desde há oito meses e tendo em vista a composição deste breve texto, acerca do motivo da ocorrência que acabei de referir, cheguei à conclusão, porventura tão provisória quanto eu, de que os escritos de José Augusto Mourão, inclusive os de índole mais estritamente filosófica, foram redigidos por um ver-

dadeiro teólogo. Quer dizer: por alguém que vive nas palavras por si usadas para, depois de falar com Deus, falar de Deus enquanto fala de tudo. E falar do Deus que, também sendo Palavra por ser Amor, Se delicia a comunicar-Se pelo meio do sorriso, porventura ferido, do mundo daqueles nossos afetos que são suscitados por Si. Isto é raro num escritor. É mais raro ainda em alguém que continuamente remete, sem recursos a pirotecnias literárias que mais não serão do que cadafalsos camuflados, para aquele lusco-fusco em que a poesia e a mística se encontram, de verdade, num espriar da alegria que não disfarça a ansiedade própria do nomadismo da demanda.

Note-se, com atenção, que tal ansiedade não é, de todo, disfarçada por ele. De modo algum. Este frade dominicano, provavelmente por ter sido um genuíno transmontano, surge-nos como demasiado franco para, embora por vezes pareça ter aprendido a fazê-lo, ocultar sua tal condição. E ocultá-la, nomeadamente e como não poucas raras vezes encontrei no mundo dos improdutos garimpeiros da linguagem mística, mediante o assumir o papel de um observador distante e desapegado. Um observador que falasse das suas realidades mais queridas como se estivesse a narrar, para um insone canal televisivo perdido, a vigilância de um qualquer exame de teologia. Se há algo que posso garantir, a quem puder vir a ler estas minhas palavras, é que nos seus escritos não há qualquer assentimento àquela tentação, coevamente tão disseminada por diversos quadrantes da teologia, de expurgar dos mesmos tudo o que eles poderiam ter de valor.

Talvez devido ao que acabei de apresentar, as suas homilias são um dos mais interessantes registos deste professor de semiótica – esse saber que se dedica ao estudo do que edifica (o) sentido, e que, desse modo, acaba sempre por ter de ir ao encontro do amor escondido no mais agreste dos vendavais dos intelectuais que a ele se dedicam. É nelas que surge, com um fulgor e um peso inesperados, uma estima pelo rigor e pelo método que raspa o mais próximo, com o formão do mais distante. Um apreço que coloca quem lê tais homilias, como que num balão que se encontrasse nas «mãos» de Deus. Umas «mãos» que José Augusto Mourão lê, com uma (com)postura que (de)canta o fogo do entusiasta (isto é, e literalmente, daquele que está «habitado por Deus»), em busca dos raios da luz daquele Absoluto e Perene que está disseminado nas passagens bíblicas por ele comentadas.

Mesmo em outros géneros literários seus, e apesar de uma certa rispidez inerente a quem sabe que a calma só é encontrada por quem a pode perder, é relativamente fácil de se deslindar que ele foi, seguramente, alguém genuinamente amável e despretensioso. Alguém que viveu numa transparência especialmente mágica, face a Deus e ao que é autenticamente relevante para o ser humano, a qual ainda mostra que, para ele e segundo a minha opinião, Jesus Cristo era a única Realidade. Aquela da qual dimanavam todas as demais por si contactadas e tratadas. Testemunho disto mesmo são os seus dispersos apelos a que os cristãos se preparem para, aquém e além do narcisismo comunitário que José Augusto Mourão assinala sem condenar rispidamente, enfrentarem a opressão das maiorias e das minorias que, já então e cada vez mais hoje, ameçam, em sintonia e não apenas em paralelo, os seguidores do Senhor do Amor. Nisso ele foi, e ainda é, exemplar.

Mas não foi só nisso que ele foi exemplar. Há outro aspeto que devo elencar. Tudo nas suas obras nos lança um desafio: o de nos deixarmos acompanhar pelo que ele escreveu; isto é, de nos deixarmos mover pelo harpear das páginas em que surgem os seus textos. Ou melhor: ele é exemplar no saber fazer com que as suas palavras harpeiem o nosso coração, arrancando dele um diálogo com o Fundamento do fundamento de tudo o que ele escreveu. José Augusto Mourão é, ainda e quanto a isto, um mestre cheio de nuances que incessantemente cumprimentam o que de melhor há em quem se aproxima dos seus textos. Não se aproximará isto exatamente da melhor definição daquela «amizade» cristã, não pela humanidade em geral, mas, e ainda que não particularizando, por cada ser humano em particular? Não se aproximará isso do que leva a que, tal como para Jesus, as estrelas sejam apenas as estrelas e, justamente devido a esse facto, se possa desfrutar das mesmas como sendo um piscar de olhos, cheios daquele brilho que só pode brotar de uma ternura paterna, do próprio Pai?

Deixemo-nos ensinar pelos escritos de José Augusto Mourão; deixemo-nos ser levados ao, por acaso desértico, desafio da reflexão inteligente que poderá levar, e só ele poderá levar, à fuga daquela artificialidade que, tantas e tantas vezes, se confunde com uma dúvida, mais ou menos premente, acerca da bondade, quer da Palavra (e das palavras), quer da Realidade (e das realidades).